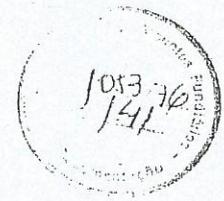


1053/76
141

RELATÓRIO DE VIAGEM
(ITE N° 023/81 - AGESP)



1. Histórico

As margens do Rio Paraná são habitat imemorial Guarani e temos referências de que entre os séculos XVI e XVII lá já se encontravam (1). Acima da confluência dos Rios Paraná e Paraguai, povoados Guarani eram numerosos no primeiro e principalmente na Província de Guairá.

Entre 1608 e 1767, as tribos Guarani localizadas onde hoje se situa a divisa do Estado do Paraná (Rio Paraná), foram sujeitas às Missões Jesuíticas por dois séculos. Uma das mais importantes reduções foi a Ciudad Real del Guairá (1554), cuja história inicia em 1609, quando o Rei da Espanha concedeu permissão aos jesuitas (através de Hernandarias de Saavedra, Governador do Paraguai) para conquistar os 150.000 Guarani que habitavam o EL GUAIRÁ (2).

Esta cidade foi destruída em 1628 por Antônio Raposo Tavares e Manoel Preto que, com uma formidável bandeira constituída de 900 mamelucos e 2.000 índios auxiliares, atacaram as reduções jesuíticas pela parte sudeste. Usaram a comunicação pré-colonial chamada pelos índios Peabirú e caminho de São Tomé pelos jesuítas, que ia da Capitania de São Vicente, na costa do Brasil, até às margens do Rio Paraná, passando os rios Tibagi, Ivaí e Piquiri. Essa bandeira construiu à esquerda do rio Tibagi um campo entrincheirado, com palissadas, partindo daí os destacamentos atacantes. Durante quatro meses estiveram

(1) STEWARD, Julian H. Handbook of South American Indians.
New York, Cooper Square Publishers, INC, 1963, V. I p. 69

(2) Idem ... p. 78

Handwritten signature



Lavouras foram destruídas, casas queimadas e famílias inteiras expulsas da área. Dentre estas famílias expulsas destacamos a de CECÍLIO VILHALVA GOMES e seus cinco dependentes que passaram a residir no PI Rio das Cobras. Quando do levantamento realizado pelo INCRA para o loteamento da área, Geronimo Vais e seus familiares, como não sabiam falar bem o português, foram excluídos e as terras que lhes pertenciam passaram a ter outros donos.

Segundo o depoimento dos próprios índios residentes na área, em 3 de agosto de 1979 chegou um ônibus para "levar todos os bugres para uma reserva". Como não houve maiores esclarecimentos, SALÍCIO ROSA (Lote nº 592), com medo, fugiu para o outro lado do rio com os familiares.

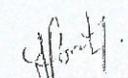
Seus pertences foram levados pelo ônibus. Acontece que Salício nasceu na área e só não retornou ainda, por que não tem onde residir, já que seu lote foi invadido por José Nunes Sampaio, pescador profissional. Parentes dele informaram que ele pretende voltar assim que tenha onde possa ficar, estando aí incluído o PI Rio das Cobras.

Não houve a possibilidade de entrar em contato com JOÃO LOPES que se encontra no Paraguai que, segundo os moradores locais, também é índio.

7. Sugestões

- a) - Que as famílias identificadas como sendo indígenas possam residir na área Guarani do PINHAL (PI Rio das Cobras), conforme seu próprio desejo.
- b) - Que a FUNAI acompanhe o processo de indenização (Lotes nº 574, 575, 576, 590 e 592) e que esta importância se já aplicada em benefício das famílias a serem removidas (construção de casas, abertura e preparo de novas roças, etc).

Brasília, 03 de junho de 1.981.


CÉLIO HORST
Antropólogo

4.3. MÁXIMO VILHALVA,
Catarina Duarte
Maria Ceverina
Plácida Vilhalva
Gerson Vilhalva
Ramona Vilhalva
Valdemar Vilhalva

4.4. SALÍCIO ROSA

5. Reassentamento

Os indígenas do PI Rio das Cobras foram consul
tados sobre a possibilidade dos Guarani que residem nas mar
gens do Rio Paranã virem a habitar aquela área, tendo todos se
manifestado positivamente.

Salientaram que seria ótimo se os mesmos acei
tassem o convite, pois assim teriam terras suficientes para cul
tivar e a área do PI poderia ser melhor fiscalizada, evitando
futuras invasões.

As famílias identificadas como sendo indígenas
(item 4) solicitaram que a FUNAI lhes desse autorização para
habitar nas terras do PI Rio das Cobras, onde se encontram mui
tos dos seus parentes.

O único problema levantado foi a questão da mo
radia e da lavoura.

Como no PI há falta de residências (principal
mente no Pinhal - área dos Guarani), não teriam onde residir e
como se alimentar até que tivessem suas próprias roças.

6. Problemas Existentes

No ano de 1976, ocorreram atos de violência na
tentativa de "desapropriação" das terras incluídas pelo INCRA
no Projeto de Integração e Colonização ICOI (PIC - OCOI).

[Handwritten signature]



- 2.2. SATURNINO FERNANDES
Clotilde Fernandes
Valdair Fernandes
Valdirene Fernandes

3. Remanescentes Indígenas que não se auto-identificam como sendo indígenas.

- 3.1. BALBINO BENITEZ
Arcida Gomes

- 3.2. JULIÃO FERNANDES
Savina Pordeleis
Marcelina Fernandes

- 3.3. CLEMENTINO RODRIGUES
Saturnina Fernandes
Cláudio Rodrigues
Adriano Rodrigues
Carlos Rodrigues
Paulo Rodrigues
Matias Rodrigues

4. São Indígenas

- 4.1. FERNANDO MARTINE
Isidora Vilhalva
Livrado Martine
Maria Martine
Santiago Menturion

- 4.2. OVILON VENITE
Teresa Vogado
Guilherma Venite
Celestino Vilhalva

[Handwritten signature]

1053 36
144

MINISTÉRIO DO INTERIOR

FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

PROC. Nº FUNAI

1053/196
= 04 =

Hoje eles se encontram dispersos pelas margens do Rio Paranã em fazendas, nas ilhas próximas a Guairá, em alguns Postos Indígenas, e na Área do Projeto Integrado de Colonização OCOI, cuja área ficará contida na Bacia Hidrográfica da Hidroelétrica ITAIPU - Binacional.

Nesta área, objeto da Instrução Técnica nº 023/81 - AGESP, as famílias identificadas como sendo indígenas são originárias de Três Lagoas ou de Porto Irene.

Os Guarani do OCOI estão numa região que é território tradicional dos Xiripã (Avã) - Guarani. Esta região se estende pelas margens do Rio Paranã, da Foz do Rio Iguazu até a Foz do Paranapanema (9), estando incluída nela, as duas localidades supra citadas.

Para a identificação étnica dos habitantes do PIC-OCOI, utilizei como roteiro os Indicadores de Indianidade, elaborado por técnicos desta AGESP, sendo este aplicado a cada família que foi anteriormente conscientizada da realidade de sua condição de indígena ou não-indígena e sobre as condições de uma família não assumir sua identidade étnica, chegando ao seguinte quadro:

2. Não-Indígenas:

2.1. NICOLAS FERNANDES

Cláudia Benitez

Mariana Fernandes

Heloina Fernandes

Geralda Fernandes

Moacir Fernandes

Ramon Fernandes

Itamar Fernandes

(9) D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. Relatório acerca do Grupo Guarani da Barra do Rio ICOI - PR - CIMI/SUL, 1981.

[Handwritten signature]

No ano de 1858, a Ciudad Real Del Guairá foi re descoberta por Telêmaco Borba, encontrando ele apenas alguns pe quenos aldeamentos Guarani dispersos ao longo da rota de sua expedição.

Durante a Guerra do Paraguai (1864-1870), índios de diferentes grupos serviram ao Exército Brasileiro e no dia 26 de Dezembro de 1864 quando as forças paraguaias, sob o coman do do Coronel Vicente Barrios atacaram o Forte de Coimbra - pri meiro combate da guerra -, sua guarnição era comandada pelo Co ronel Hermenegildo de Albuquerque Pôrto - Carrero e era guarne cido por 125 praças e oficiais, 10 índios, 25 presos e por guar das da alfândega (5).

Em 24 de maio de 1866 ocorreu a primeira Batalha do Tuiuti, derrotada total das forças de López, com 6.000 mor tos e 7.000 feridos. Nesta data o índio Guarani André Pahy era o Chefe do Aldeamento do Paranapanema e na época, os Guarani es tavam dispersos por todo vale do Rio Paraná (6).

Com o movimento das tropas envolvidas nesta guer ra, também os Guarani migraram, várias hordas se puseram em mo vimento (7).

Esta migração continuou com a expansão das fren tes pioneiras no oeste paranaense e na década de 30, cerca de quarenta famílias viviam na Colonia Guarani de Três Lagoas (8). Estas terras teriam sido demarcadas pelo Distrito de Terras do Paraná e Santa Catarina, do INCRA.

A maioria dos Guarani de Três Lagoas foi dizima da por epidemia de maleita no período de 1948-50, tendo os seus remanescentes se retirado da área, na década 50/60, sob a pres são da sociedade envolvente.

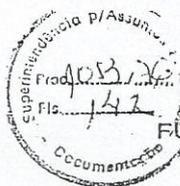
(5) HORST, Célio. Cronologia da Guerra do Paraguai. Monografia. 1980. 104 p. mimeografado.

(6) VARGAS, Túlio. op. cit., p. 72

(7) NIMUENDAJU, Curt. Apontamentos sobre os Guarani. Separata da Revista do Museu Paulista, NS, São Paulo, 3: 54-58, 1954.

(8) Processo FUNAI/BSB/1053/76 - Fls. 02.

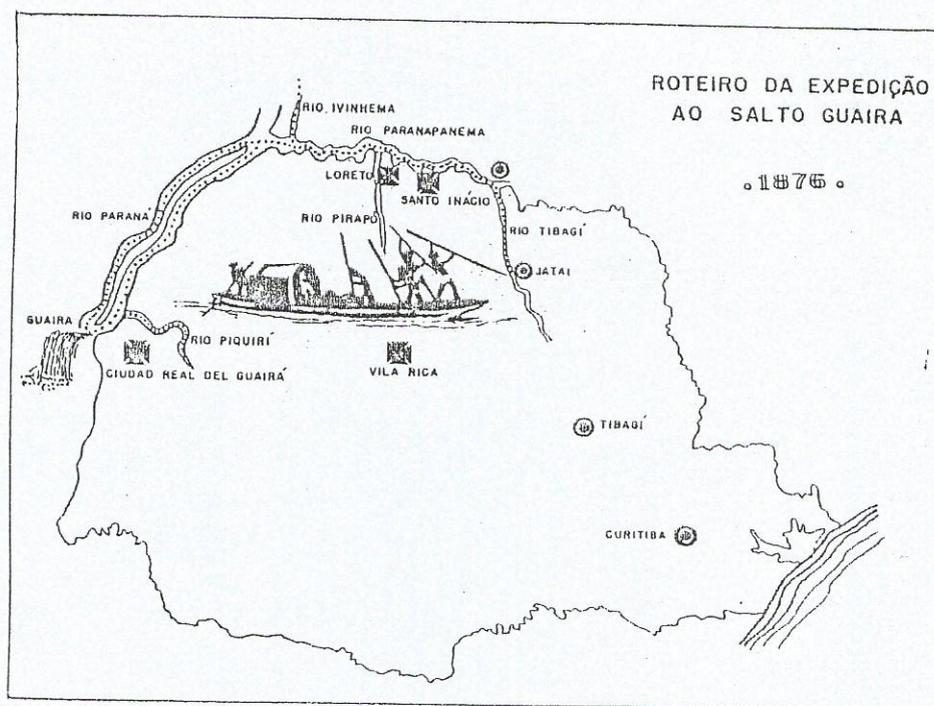
[Handwritten signature]



os paulistas acampados nessa posição. Após esse período, Raposo Tavares ordenou a ofensiva geral e reduziu à cinzas e escombros a aldeia-cidade. Em seguida, ainda atacou São Miguel de Ibituru na, Taioabá, Encarnation e Santo Inácio, não deixando pedra sobre pedra.

O indômito bandeirante ainda voltou ao interior paranaense em 1631 e atacou os "pueblos" espanhóis de Vila Rica e os restos da Ciudad Real Del Guairá (3).

Em 1631, Ruíz de Montoya evacuou Loreto e San Ignacio, as duas últimas missões sobreviventes da República Teocrática de Guairá, e levou seus habitantes numa forçada migração, às margens do Rio Paraná. Dos 12.000 migrantes, somente 4.000 resistiram a esta vicissitude (4).



(3) VARGAS, Túlio. O Indomável Republicano. Ed. O Formigueiro, Curitiba-PR, 1970

(4) STEWARD, Julian H. Handbook of South American Indians. New York, Cooper Square Publishers, INC, 1963, V. 1, p. 78